

PEQUENA LEMBRANÇA PARA
ANTÓNIO CARDOSO

Já não sei quando, e onde -- passadas que são algumas dezenas de anos-- conheci pessoalmente António Cardoso. Creio que terá sido em finais da perdida e fascinante década de 60, do século já pretérito, quando no Porto existia, no interior de uma aparente tranquilidade afável e burguesa, uma tensão e uma agitação cultural cuja história continua por fazer; e, creio-o também, terá tal conhecimento ocorrido num qualquer desses lugares que no centro da cidade se multiplicavam, e onde se iam juntando artistas e intelectuais de todos os matizes, advogados e jornalistas, médicos e professores, estudantes aspirando a integrar tais categorias ou que, tão só, e ainda apenas pela proximidade, aí realizariam uma discretíssima iniciação, e todas aquelas pessoas que, por razões várias, frequentavam nessa época tertúlias e convívios. Livrarias, cafés, salas de exposições, de concertos e de colóquios, cinemas..., cada local com os seus rituais e propícios espaços, assumiam uma dimensão insuperável de aglutinação e de expansão de problemas e de figuras; e terá sido, seguramente, em tal meio, que o meu encontro com A.C. se terá dado. Apresentado por quem? Não o recordo, embora por certo apresentado, que nesse tempo a apresentação era habitual, e comuns vários amigos. Mas o que sei é que conhecia já, de nome, e bem, A.C.. Sabia-o, desde há anos, ligado ao grupo que pintava na galeria Alvarez, em torno de Jaime Isidoro, com António Sampaio, com Leonor Praça, com alguns outros, -- entre eles Alberto Baptista, meu amigo de Espinho, e por quem muitas notícias então me iam chegando; sabia-o, por tal via, residente e professor em Amarante, *motard* quando ainda tal vocábulo não teria o sentido actual, continuamente fazendo o percurso entre a então vila e a cidade grande, ou excursionando, nas férias, pela Europa, procurando ver lugares e pintura; e sabia-o mesmo citado por René Huyghe no terceiro tomo da sua *L'Art et l'Homme*, de 1961, na secção destinada a Portugal, como artista da 'novíssima geração', facto raro e que o local, e as condições do momento, tornavam quase perturbador. E, enfim, sabia-o, ainda, porque, já bastante mais

tarde, eu mesmo tinha escrito no Suplemento Cultural do Jornal de Notícias, ao tempo dirigido por Nuno Teixeira Neves, e em que colaborava, algumas breves notas sobre os quadros de A.C. que constituíram uma sua mostra na antiga Galeria Divulgação, reflectindo nessa altura sobre o que me parecia ser uma pintura oscilando entre uma preocupação representativa e uma outra de procura estrutural e essencializante, e onde, a partir de temas paisagísticos se chegava a uma quase abstracção, na linhagem do que alguns pintores da designada Escola de Paris, como Tal Coat, ou Le Moal, ou..., iriam produzindo.

Longínqua época, -- continuamente presente.

E foi então que, por insólitos caminhos, as minhas relações com A.C. se tornaram mais próximas e, em muitos momentos, determinantes. Concluído o meu estágio pedagógico no que era, ao tempo, o Liceu Normal D.Manuel II, ingressei, mediante concurso, na Telescola, integrando o grupo de Educação Visual; e aí vim a encontrar A.C., que antes havia tirado um curso de produção televisiva, e era um dos realizadores que asseguravam, a partir dos estúdios do Monte da Virgem, a emissão, em directo, das lições das várias disciplinas -- num exercício de comum risco que só posteriormente poderíamos avaliar, mas que, para todos nós, necessariamente constituiu uma experiência única e de contornos insupeitados. E se, aí, pudemos conviver durante alguns anos, é também a partir desse ponto que para um e outro se desenvolveu um novo caminho, paralelo ao do ensino básico e secundário, e das Artes Plásticas, mas que estas, sobretudo estas, quero crer, não só suscitaram como exigiram: aquele que a ambos conduziu à Faculdade de Letras do Porto, a ele para o Curso de História, a mim para o de Filosofia, em período em que existia ainda a figura dos alunos 'voluntários', -- e que de tal figura e regime nós podíamos, com as nossas obrigações profissionais, ocupadamente usufruir.

Compatibilizando, assim, cuidados vários, era um enriquecimento cada vez mais amplo que iam desenvolvendo, ou radicalmente buscando: e se se arranjava ainda tempo para, uma ou outra vez, excepcionalmente, expormos alguns desenhos ou pinturas -- como aconteceu, em Viseu, e em conjunto com Avelino Rocha, Manuel De=Francesco e Aureliano Lima; ou, em vários momentos, e oportunidades particulares, no Museu de Amarante, a que A.C. sempre

se manteve ligado, -- eram os Cursos no ainda velho edifício do Carmo, entre a G.N.R. e o Hospital de S.to António, que então constituíam o *hobby* (?) nuclear, compromisso connosco mesmos que importava concluir e múltiplos acontecimentos intermédios não beliscaram. E é no interior desta dinâmica, que a Revolução de 74 encheu de peripécias tão curiosas como exemplares, que um e outro concluímos o que havíamos começado; e que, sem que então o pudéssemos supôr, uma nova actividade em breve se nos iria abrir -- até aos dias de hoje. De facto, licenciados quase na mesma altura, para a Faculdade entrámos como Assistentes com pequena diferença temporal; e, se aí nos doutorámos em períodos aproximados, também quase no mesmo ano, e sendo ambos Professores Associados, nos aposentámos. Ele, jubilado, eu, por questões de idade, apenas com algum possível júbilo... -- mas ambos, por certo, e por ambos quase o posso jurar, com a nostalgia já de uma actividade, e de uma Instituição, onde cumprimos grande parte da nossa vida.

Poderia falar de A.C., como me foi pedido, sem me invocar também? Neste caso, e por todas as razões que facilmente se podem perceber, ser-me-ia difícil. Mas, ultrapassando quanto de comum recordação haja condicionado estas linhas, algo tenho que acrescentar ainda -- em confissão tão simples como elementar: é que algumas características do posicionamento particular e cívico de A.C sempre me surgiram como motivos de profunda admiração, se não mesmo de alguma saudável inveja. E aponto, sucintamente, apenas três: uma, a sua fidelidade à terra de origem, a Amarante, àquilo que ela representa como valor afectivo e cultural, e às suas Figuras, desde São Gonçalo a Teixeira de Pascoaes e Amadeo, numa dinâmica que, de algum modo, o também 'seu' Museu, de que hoje é director, tende a simbolizar; outra, a sua disponibilidade -- ou dever-se-á dizer: paciência? -- para integrar equipas, ou comissões e grupos de vária dimensão e finalidade, assumindo até, por vezes, aspectos burocráticos que sempre me pareceram dificilmente aceitáveis por quem em outros sectores mentais, e de disposição activa, necessariamente se movimentaria; e, por fim, *last but not the least*, a extraordinária capacidade anímica que lhe permitiu suportar, e ultrapassar, em período recente, com um ar distanciado e leve, complexíssimo problema de saúde, -- e, recuperadas

algumas forças, viajar para a Turquia, em época de calor intenso, aceitando, entre aviões e autocarros, e hotéis, os desconfortos e os inevitáveis riscos, porque, como confessava, 'Sempre quis ver determinadas coisas...'

Calmo, dizia-me, antes destas últimas férias grandes, ter imenso que fazer. Creio bem que assim seja. Entre muitas outras coisas, o catálogo *raisonné* de Amadeo (sempre ele...), irá ajudar a ocupá-lo até 2006. Por sua vez, a Família, e hoje, sobretudo, os netos, preencherão o que faltar.

E a Pintura, Cardoso, a sua?

Diogo Alcoforado

Diogo Alcoforado



António Cardoso numa intervenção da Telescola.
Foto cedida pelo Dr. Jorge Tristão.